

Artigo: Meu querido, meu velho...¹

Fagner Farias de MACÊDO ²

Emanuel Francisco Pinto BARRETO³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

Afim de expressar pontos de vista, os textos opinativos são uma marca do jornalismo. Dentre eles, um dos mais utilizados do gênero é o artigo. Tomando como base a percepção e a observação de um assunto impactante e atual para a sociedade, o jornalismo propõe-se a formar opinião, propor consenso, para assim promover debate e reflexão. O artigo *Meu querido, meu velho...* reflete sobre a polêmica demolição do mais antigo estádio de futebol do Rio Grande do Norte, localizado em Natal – escolhida uma das cidades-sede do Mundial de Futebol de 2014 – e da construção de um novo estádio, caríssimo para os cofres públicos e fora da realidade local. Saudosismo, identidade e paixão marcaram o tempo de espera pela demolição do estádio *Machadão*, assim como a incredulidade da população diante do paradoxal atraso nas obras do *Arena das Dunas*.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; artigo; identidade; memória; opinião.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como ponto de partida o estilo opinativo do jornalismo, que através do artigo expressa o pensamento de quem o escreve ao mesmo tempo em que propõe e instiga no leitor, reflexão e debate sobre o tema. Ao falar-se neste artigo sobre a demolição do mais antigo e mais importante estádio de futebol do Rio Grande do Norte, procurou-se conhecer o contexto social no qual ele estava inserido, tendo na população um retrato fiel da paixão pelo futebol, pelas conquistas, memórias e valores nele representados.

2 OBJETIVO

Produzido para a disciplina *Oficina de Texto III* e, posteriormente inserido na seção *Primeira Página* do *Projeto Labjorn*⁴, o artigo *Meu querido, meu velho...* aproveitou o período de intensa mobilização social acerca da não derrubada do estádio

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em Jornalismo Opinativo.

² Estudante de Graduação do 8º semestre do Curso de Jornalismo da UFRN, email: fagner_farias@yahoo.com.br

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFRN, email: e.barreto@ufnet.br

⁴ Laboratório de Redação Jornalística. Projeto que visa incentivar a produção textual jornalística dos alunos em sala, divulgando os trabalhos no site www.fotec.ufrn.br

de futebol João Cláudio de Vasconcelos Machado, popularmente conhecido como *Machadão*⁵, para a construção do *Arena das Dunas*⁶, um novo e moderno estádio previsto para sediar quatro jogos da Copa do Mundo de 2014 em Natal, escolhida uma das cidades-sede.

Observando a paixão do torcedor pelo *Machadão*, o saudosismo e a indignação com a notícia da sua demolição e conseqüentemente, com a demora no início das obras do *Arena das Dunas*, o artigo *Meu querido, meu velho...*⁷ propõe a reflexão sobre memória, identidade, realidade social, recursos públicos e paixão pelo futebol. Como indaga a procuradora do município de Natal e membro do Comitê Popular Copa 2014 – Natal, RN, Marise Costa de Souza Duarte:

Como é que se fez uma demolição de um estádio com capacidade para 45 mil pessoas, para se construir um estádio com a capacidade menor – 42 mil pessoas – com preço estratosférico? A gente vai passar anos pagando o valor do *Arena das Dunas*. E, desconsiderando a história, o patrimônio que o *Machadão* era pra cidade. Inclusive, cinco anos antes, foi feita uma grande reforma no *Machadão* com muito dinheiro público empregue. Então, a cidade queria a construção do que a gente está chamando de ‘elefante branco’, e que certamente vai ser o *Arena das Dunas*? O quê desse empreendimento vem em favor da cidade? Nada disso foi discutido e esclarecido. Foi uma ação pensada pelo Governo do Estado no gabinete sem ouvir a população, e isso não mais se admite num regime democrático que nós temos. (DUARTE, 2012).

3 JUSTIFICATIVA

A opinião no jornalismo é fruto da observação e percepção do repórter ao contexto social à sua volta. Ricardo Kotscho (2005, p. 15), diz que “é preciso estar atento para sacar as mudanças, sem medo de tomar posição”. A escolha pelo artigo veio da própria característica de tratar-se de um texto autoral, onde o autor pode apresentar

⁵ Com obras iniciadas ainda na década de 1960, e concluídas em 1972, durante o Regime Militar Brasileiro, o estádio projetado pelo arquiteto e urbanista Moacyr Gomes da Costa, foi inicialmente chamado de Humberto de Alencar Castelo Branco, o Castelão. Em 1989, pós-regime militar, recebeu como homenagem, o nome do ex-presidente da Federação Norte-rio-grandense de Futebol e um dos responsáveis por sua idealização, João Cláudio de Vasconcelos Machado, passando então a ser conhecido definitivamente como *Machadão*.

⁶ O nome escolhido para o novo estádio faz menção às dunas da cidade do Natal. Projetado para ser construído em dois anos – com previsão de entrega até o fim de 2013 – no local onde ficavam situados o estádio *Machadão* e o ginásio *Machadinho*, é considerada pela FIFA, a obra mais atrasada da Copa do Mundo de 2014. No estádio serão realizadas quatro partidas da Copa, sendo a primeira no dia 13 de junho de 2014.

⁷ Artigo produzido em 2011 para a disciplina Oficina de Texto III. Disponível em: http://www.fotec.ufrn.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1960:meu-querido-meu-velho-&catid=8:labjorn&Itemid=42

sua postura estilística. Nele, o autor desenvolve uma ideia e apresenta sua opinião, podendo conter inclusive, linguagem metafórica. Deste modo, Luiz Beltrão (*apud* MELO, 1994, p. 59), classifica o artigo, segundo os gêneros jornalísticos brasileiros, de *jornalismo opinativo*.

O critério adotado é explicitamente funcional. Beltrão sugere uma separação dos gêneros segundo as funções que desempenham junto ao público leitor: informar, explicar e orientar. Nesse sentido, categoriza de acordo com as tendências que marcaram o movimento peculiar da atividade jornalística, acompanhando as mutações tecnológicas e socioculturais que marcaram a sociedade. (MELO, 1994, p. 59).

Por tratar-se de um texto monotemático, o artigo opina e comenta sobre um assunto importante e atual, porém, sem a obrigatoriedade de que este esteja na edição do jornal. Novamente Kotscho (2005, p. 18), reforça a ideia de que para a sociedade, “qualquer assunto serve, se pudermos, por meio dele, mostrar algo novo que está acontecendo, ainda que o tema já seja batido”. Percepções deste tipo servem de *gancho* para mostrar mudanças nos hábitos das cidades.

Segundo Martín Vivaldi (*apud* MELO, 1994, p. 117), o artigo é “escrito, de conteúdo amplo e variado, de forma diversa, na qual se interpreta, julga ou explica um fato ou uma ideia atuais, de especial transcendência, segundo a conveniência do articulista”. O artigo, de acordo com Melo:

É o gênero que democratiza a opinião no jornalismo, tornando-a não um privilégio da instituição jornalística e dos seus profissionais, mas possibilitando o seu acesso às lideranças emergentes da sociedade. É claro que essa democratização constitui uma decorrência do espírito de cada veículo: sua disposição para abrir-se à sociedade e instituir o debate permanente dos problemas nacionais. (MELO, 1994, 122).

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para falar sobre o impacto social da derrubada do estádio *Machadão* e do ginásio Humberto Nesi, o *Machadinho*⁸, foi escolhido como formato de texto o artigo. Para sua construção foram utilizadas técnicas como a contextualização, a observação, a percepção, a atualidade e a opinião.

⁸ Construído em 1992, o ginásio de esportes ficava situado ao lado do Machadão. Recebeu o nome de Humberto Nesi, um dos responsáveis pela idealização do estádio João Machado. Pelo fato das estruturas serem semelhantes e projetadas pelo mesmo arquiteto, o ginásio recebeu a denominação de Machadinho.

A contextualização tem papel de suma importância na construção do artigo. Sobre o contexto, Ricardo Noblat (2008, p. 73), afirma que “ninguém que queira entender corretamente um fato ou uma situação pode desprezá-lo”. Parafraseando o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Noblat (2008, p. 73), diz que contexto é “a inter-relação de circunstâncias que acompanham um fato ou uma situação”. Atentando para as missões do jornalismo, ele lembra que:

Os jornalistas fazem a intermediação da sociedade com os que a representam. Este é um dos seus papéis. O outro é o de fiscalizar atos e comportamentos dos que exercem o poder – o poder público ou o privado que influencia a vida das pessoas. (NOBLAT, 2008, p. 72).

A observação torna-se necessária devido à própria contextualização. Observar os fatos e a reação dos agentes sociais é exercício primordial para a formação de opinião do autor e que, posteriormente, provocará debate e reflexão no leitor. Paralelo à observação, vem a percepção da realidade social. Por tratar-se de um assunto que se arrastou na mídia estadual e nacional por muito tempo, a derrubada do *Machadão* provocou na população local o interesse em saber mais sobre sua história, sobre os porquês da construção de um novo estádio e da não preservação da estrutura já existente, que poderia ser aproveitada através de reformas. Euforia, descontentamento e descrédito marcaram o período de espera por uma solução. Após a derrubada do estádio e do ginásio anexo, setores da sociedade potiguar passaram a concentrar suas atenções em preocupações ainda maiores, dentre as quais está o cumprimento dos prazos para a conclusão da obra do novo estádio. Os atrasos, segundo Duarte:

É uma coisa que a sociedade questiona. Mas, a questão do estádio é um problema dentre os grandes problemas que a gente está verificando hoje com relação à Copa em Natal. Problemas das obras de mobilidade, de desatenção às normas de proteção ambiental, que atingirão o mangue do Rio Potengi, uma área de proteção permanente, sem nenhuma compensação, sem nenhuma discussão; a população de interesse social, de zero a três salários mínimos que será atingida sem saber como será relocada para outra área que seja possível reconstruir sua vida de uma forma digna, uma população que tem o direito à cidade como nós temos. Existe uma resistência muito grande por parte do poder público, município e estado, em discutir essas questões. (DUARTE, 2012).

Com a atualidade e importância do assunto aliada à contextualização, geraram-se opinião e argumentos sobre o tema. De acordo com José Marques de Melo (1994, p. 117), “o sentido de atualidade não se restringe ao cotidiano, mas ao momento histórico vivido. Isso justamente diferencia o artigo do comentário”. A opinião do articulista faz-se necessária, pois como diz Melo:

A significação maior do gênero está contida no ponto de vista que alguém expõe. E essa avaliação não pode estar oculta, eventualmente dissimulada na argumentação, mas deve-se apresentar-se claramente, explicitamente. A opinião ali emitida vincula-se à assinatura do autor; o leitor a procura exatamente para saber como o articulista pensa e reage diante da cena atual. (MELO, 1994, p. 118).

A argumentação tem importância direta na construção do artigo. Melo (1994, p. 118) afirma que “a argumentação utilizada no artigo baseia-se no próprio conhecimento e sensibilidade do articulista”. O artigo jornalístico, segundo ele:

Se destina a analisar uma questão da atualidade, sugerindo ao público uma determinada maneira de vê-la ou de julgá-la. É uma matéria através da qual o articulista participa da vida da sua sociedade, denotando a sua condição de intelectual comprometido com o presente. (MELO, 1994, p. 119).

A escolha da derrubada do estádio João Machado como tema para o artigo surgiu da observação e percepção das reações da sociedade potiguar, mais especificamente a natalense, sobre a evidente perda da identidade social do cidadão. Como indaga Duarte (2012): “Qual é a perda, qual é o dano moral que a gente tem com relação à demolição do *Machadão*?”. O sentimento de apego ao passado de glórias, às memórias e o saudosismo ameaçados pela ação do suposto progresso emergente, tiveram relevância na abordagem. O próprio valor-notícia provoca a polêmica: a demolição de um estádio histórico para a construção de um novo que acarretará ônus altíssimos para os cofres públicos, enquanto prioridades essenciais da população são deixadas de lado. Como ressalta Taís Jorge:

Mas o que o jornalismo deve se questionar é o que realmente interessa ao leitor: apenas algo aparentemente atrativo, agradável ou bonito para certa parcela da audiência? Ou é aquilo que implica um caráter de benefício público, por ser representativo de um bem maior? Interesse é aquilo que aguça a inteligência do receptor, instiga a curiosidade

dele, provoca-lhe emoções, estimula-o a pensar. Há muito que se diz que a imprensa são os olhos da sociedade: na verdade, ela incorpora uma missão e um papel. O desafio de todo jornalista é seduzir pela importância do material que transmite, revelar aspectos desconhecidos e lutar pelo aumento do número de pessoas que tem acesso à informação relevante. (JORGE, 2008, p. 27).

Ainda sobre relevância, Jorge diz que:

O jornalista lida com fatos e deve ter habilidade para classificar acontecimentos pelo nível de interesse ou impacto que causam no leitor, descartando os que concentram pouco ou nenhum valor jornalístico. O relato jornalístico economiza tempo e espaço, ordenando os fatos a partir do mais importante ou do aspecto mais relevante. (JORGE, 2008, p. 28).

No artigo não é utilizada a conhecida técnica da pirâmide invertida. O texto tem início com uma contextualização dos fatos, até chegar ao ponto X da questão, o fato a ser discutido e analisado, e que contribuirá para a formação de opinião do leitor. Segundo Jorge (2008, p. 28), o jornal e/ou o autor do artigo, “toma como seus os valores da audiência, dialogando diretamente com ela e tratando dos assuntos mais importantes para o seu público”. Os valores-notícia envolvidos no tema deste artigo são atualidade, proximidade, poder, dinheiro, trabalho, lazer e até meio ambiente, devido questões de urbanização. Melo descreve o processo ideal de criação de um artigo, passando por três momentos: invenção, disposição e elocução. Segundo ele:

Inventar significa tirar do mundo, da vida; do mundo dos fatos e das ideias. Implica em buscar na atualidade a motivação suficiente para justificar o encontro com os leitores. Não basta porém identificar uma ideia, um argumento; é preciso que o articulista avalie sua capacidade de desenvolvê-lo. Dispor significa colocar as ideias em ordem. Anotá-las, na medida em que surgem, ordená-las, quando vão crescendo. A disposição é o equilíbrio entre a inspiração e a ordem. A elocução corresponde à expressão escrita das ideias já planejadas. É o momento de dar forma definitiva ao pensamento. O que não significa apenas escrever, mas pressupõe também rever, corrigir. E corrigindo, abreviar, suprimir, substituir. (MELO, 1994, p. 121).

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Meu querido, meu velho... é centrado na racionalidade. Tem retórica imagética, promovendo junto ao leitor por meio da imaginação, a possibilidade de inserir-se na realidade do texto através da contextualização. Posiciona-se contra a derrubada do

antigo estádio e do atraso na execução das obras do novo, que a cada dia gera mais ônus aos cofres públicos, despertando insatisfação e indignação na população local. De acordo com Duarte:

O primeiro dano que vem sendo visualizado é o endividamento que a cidade terá por mais de 30 anos com ações que não estão vindo atender às necessidades da cidade. A população está cada vez mais revoltada, ela começa a ver que o seu dinheiro, que é um dinheiro muito caro, muito importante, dos seus impostos, provavelmente não regresse em seu benefício. (DUARTE, 2012).

O presente artigo levanta a questão de Natal vir a perder o título de cidade-sede do Mundial de 2014, devido ao atraso nas obras. Esta é uma possibilidade a ser pensada e que é compartilhada por setores da população, menos, aparentemente, pelas autoridades⁹. O fato de haver a possibilidade de a FIFA enviar um documento informando que Natal perdeu o título de cidade-sede da Copa é sim, motivo de preocupação. Numa possível confirmação, a notícia certamente causará impactos desastrosos na economia, na infraestrutura da cidade, no esporte, e, principalmente, na autoestima da população da capital e região metropolitana. Enquanto a imprensa estadual mostra em grande parte, os benefícios da realização de jogos da Copa do Mundo em Natal, ao passo que também atenta para os atrasos na execução das obras, não chega, portanto, a levantar a questão da não conclusão do novo estádio devido a uma possível resposta negativa da FIFA. Haja vista que, sem sediar jogos da Copa, Natal perderia todas as verbas públicas federais, das quais boa parte vem sendo prometida para as obras de mobilidade urbana. Como ressalta Duarte (2012), “uma obra que está sendo pensada para o povo, que todo discurso é que essas obras vêm para a população, essa população não é escutada”. Para Noblat, fatos como este nos mostra que:

Se o que é sólido se desmancha no ar, nada é menos sólido do que a maioria das notícias que os jornais publicam. O fato que provoca barulho não é necessariamente o fato importante. Importa o fato destinado a produzir mudanças na vida das pessoas. (NOBLAT, 2008, p. 30).

A questão da perda de uma boa oportunidade de reflexão sobre um tema relevante faz com que, quando o fato vem à tona, cause impactos em alguma medida desastrosos.

⁹ A suposição do autor deve-se ao acompanhamento sequencial do noticiário, onde se registram tais temores.

Como afirma Noblat (2008, p. 30), “com irritante regularidade, os jornalistas não percebem tais fatos. Ou só com atraso se dão conta deles. E, quase sempre, os examinam por uma óptica diversa da óptica do leitor comum”.

Elementos como o saudosismo e a paixão popular pelo estádio, são evidenciados no texto. O próprio título alusivo utilizado no artigo é resultado disto. A enunciação é feita para despertar emoções. Loffer-Laurian, citado por Melo, defende que os títulos são:

Obtidos a partir dos textos, geralmente fabricados depois, mas contendo uma dupla codificação: 1ª) a expressão de qualquer mensagem linguística; 2ª) passar do discurso neutro (texto) ao discurso enfático (título). A ênfase consiste portanto no uso de intensivos, de processos de reforço destinados a colocar em destaque um ou vários elementos de um enunciado, exagerando-o, acentuando-o, ou seja, aumentando o valor ou o impacto afetivo de um enunciado. (LOFFER-LAURIAN, *apud* MELO, 1994, p. 90-91).

Diante dos fatos observados, para a realização da Copa do Mundo em Natal, a realidade do esporte no Rio Grande do Norte não foi levada em consideração. Agnelo Alves¹⁰, (ZAULI, 2011, p. 22), lamenta “a demolição de um estádio que marcou a história do futebol potiguar. Acredito que não era necessário derrubar um estádio para construir outro, que terá alto custo e será fora da realidade do nosso esporte”.

Definitivamente, tanto a construção quanto a demolição do estádio João Machado, marcaram para sempre a vida dos cidadãos natelenses. O arquiteto do projeto, Moacyr Gomes da Costa, por exemplo, fala que “foram cinquenta anos dedicados à construção do *Machadão*, sendo dez de projeto. Este foi um filho meu, de 40 anos que morreu”, (COSTA, 2012). O choro dos cidadãos presentes à demolição do estádio constatou o sentimento de apego, de memória e identidade. Eles se identificavam com tudo aquilo que há 40 anos¹¹ estava presente ali e que contribuía para uma das grandes paixões brasileiras: o futebol. Para o ex-jogador Esmerino de Araújo Filho¹² (ZAULI, 2011, p. 24), “o *Machadão* não merecia isso. Esse estádio tem muita história para contar e que

¹⁰ Agnelo Alves foi prefeito de Natal na época da construção do estádio Machadão. Teve o mandato cassado pela ditadura militar. Atualmente, é deputado estadual.

¹¹ O estádio Machadão completaria em 2012, 40 anos de sua construção. Meses antes, foi iniciada a sua demolição.

¹² Ex-zagueiro do Baraúnas, Alecrim e ABC. Esteve presente ao início das obras de construção do estádio na década de 1960, bem como, ao início da demolição, em 2011. Foi um dos expectadores que chorou diante da cena da demolição.

agora vão (*sic*) ficar só na memória. Isso aqui é um monumento”. De acordo com Habermas e Pollack, citados por Santos:

É na compreensão de memória histórica que reside o sentido de identidade; para ele, a *priori*, a memória parece ser um fenômeno individual, mas ela é, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno que emerge das transformações sociais e inconstâncias. (HABERMAS; POLLACK, *apud* SANTOS, 2012, p. 04).

A identidade que o ex-jogador mantinha com o estádio ficou evidente em suas palavras:

O *Machadão* era como minha casa. Lá, eu participei de muitas alegrias e tristezas. Mas, muito mais de alegrias. Eu pisei naquele gramado. O *Machadão* foi uma relíquia nossa. Era um palco onde as pessoas, todo final de semana, tinham onde se divertir. Foi um local onde eu vi minha filha mais velha ser mascote de uma equipe e, no futuro meus netos vão saber onde eu trabalhei. A demolição do *Machadão* naquele dia foi uma surpresa. Ninguém em Natal esperava aquela data. Eu estava trabalhando quando minha filha me ligou. Senti, naquele momento como se fosse a perda de alguém da minha família. Corri, fui ver, tentei entrar lá, mas não me deixaram. Foi uma decepção muito grande, algo assim, inacreditável. (ARAÚJO FILHO, 2012).

Deste modo, a memória, como afirma Santos:

Não é algo do passado, é um fenômeno que traz em si um sentimento de continuidade e de coerência, seja ele processado individualmente ou em grupo em reconstrução em si, torna-se o fator preponderante para o entendimento de sentimento de identidade. (SANTOS, 2012, p. 05).

6 CONSIDERAÇÕES

Sendo assim, o artigo *Meu querido, meu velho...* faz uma análise do contexto histórico e social envolvido na questão da demolição do estádio João Cláudio de Vasconcelos Machado, o popular *Machadão*.

O autor observa os prós e os contras, percebe o comportamento do cidadão acerca da perda de sua identidade, forma uma opinião e a transcreve para o texto. Levanta questionamentos diretamente ligados ao futuro da cidade do Natal, caso esta venha a perder o título de cidade-sede da Copa do Mundo de 2014, devido aos atrasos nas obras

do *Arena das Dunas*, o novo estádio. Com isso, tem a intenção de gerar debate e reflexão na sociedade, principalmente a natalense, diretamente ligada ao tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO FILHO, Esmerino. **Lembranças do Machado**. Entrevista concedida ao autor em: 19 mar, 2012.

COSTA, Moacyr Gomes da. **Saudades do Machado**. Entrevista concedida ao autor em: 14 mar, 2012.

DUARTE, Marise Costa de Souza. **Demolição do Machado**. Entrevista concedida ao autor em: 14 mar, 2012.

JORGE, Taís de Mendonça. **Manual do foca**. São Paulo: Contexto, 2008.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 2005.

MACÊDO, Fagner Farias de. **Meu querido, meu velho...** Disponível em: <http://www.fotec.ufrn.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1960:meu-querido-meu-velho-&catid=8:labjorn&Itemid=42> Acesso em: 20 fev, 2012.

MELO, José Marques de. **A opinião do jornalismo brasileiro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2ª ed., 1994.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2008.

SANTOS, Maria Roseli Sousa. **Saberes culturais, memória e identidade social em tempos de modernidade**. Disponível em: <http://www.roselisousa.com.br/private/sabores_culturais_memorias.pdf> Acesso em: 23 mar, 2012.

ZAULI, Fernanda. Machado vai deixar saudades. Natal, **Diário de Natal**, ed. 22 out, 2011, p. 22, caderno Esportes.

ZAULI, Fernanda. O último verso do poema de concreto. Natal, **Diário de Natal**, ed. 22 out, 2011, p. 24, caderno Esportes.